

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
VANESSA CASTRO ALVES DE SOUSA

**O CAPACITISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS NO AMBIENTE  
ESCOLAR**

João Pessoa-PB  
2021

VANESSA CASTRO ALVES DE SOUSA

**O CAPACITISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS NO AMBIENTE  
ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como parte dos requisitos para obtenção da licenciatura do curso de Pedagogia.

Orientadora: Dra. Adenize Queiroz de Farias.

João Pessoa-PB  
2021

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S725c Sousa, Vanessa Castro Alves de.

O capacitismo e seus desdobramentos no ambiente escolar / Vanessa Castro Alves de Sousa. - João Pessoa, 2021.

43 f. : il.

Orientação: Adenize Queiroz de Farias.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em pedagogia) - UFPB/CE.

1. Capacitismo. 2. Inclusão escolar. 3. Estudantes com deficiência. I. Farias, Adenize Queiroz de. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 37.014.53(043.2)

# VANESSA CASTRO ALVES DE SOUSA

## O CAPACITISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação de Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências para obtenção da Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado em 6 de dezembro de 2021

### Banca Examinadora

ADENIZE QUEIROZ DE FARIAS

---

Dra<sup>a</sup> Adenize Queiroz de Farias – UFPB

Orientadora

---

Dra<sup>a</sup> Izaura Maria de Andrade da Silva – UFPB

Examinadora

---

Me. Alexandre Ribeiro da Silva – URCA

Examinador

João Pessoa – PB

2021

Dedico esse trabalho ao meu amado esposo Erivaldo Castro que compartilhou comigo ao longo do curso sonhos, dificuldades e alegrias. Serei eternamente grata pela sua parceria. Muito obrigada!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que é o senhor da minha vida e sempre me deu discernimento, coragem e principalmente confiança.

A meu pai Sebastião Avelino, que me encoraja a buscar meus sonhos e fica feliz por cada conquista minha.

A minha mãe Maria do Socorro, que lutou muito para criar todos os seus filhos e que me incentiva a traçar meus próprios caminhos, sempre me orientando com muita sabedoria.

A minha tia e segunda mãe Cleonice de Souza, que cuidou da minha educação e me ensinou a ser uma pessoa de coração bom, eu serei eternamente grata.

A minha cunhada Waleska Gomes (*In memoriam*), que me ensinou o sentido do amor fraterno e compartilhou comigo ensinamentos de um coração bom e generoso e sua lembrança é constante em meus pensamentos.

As minhas sobrinhas, Vitória, Vivian, Clara e Manuele, que carinhosamente chamo-as de “Cabritas”, vocês sempre me trouxeram amor e muita alegria.

Aos meus três primos Arthur, Eduardo e Erick que sempre me apoiam e me ajudam em qualquer dificuldade, obrigada pelo amor que vocês têm por mim.

Aos meus amigos de curso José Carlos e José Lucas, que compartilharam comigo diversas sensações durante esses quatro anos de curso, serei eternamente grata a vocês dois pela amizade que irei levar para a vida.

A minha orientadora professora Adenize Queiroz, pelos ensinamentos compartilhados, por ter me dado a alegria de ser sua monitora por cinco períodos e principalmente por me fazer enxergar, enquanto vidente, o que é inclusão.

A professora Maria Aparecida, pelo acolhimento no meu primeiro dia de curso, suas palavras me motivaram a não desistir e me fizeram ter a certeza de que tudo daria certo no final.

A professora Marlene França, que me orientou no trabalho de pesquisa e que estava sempre de prontidão para qualquer insegurança minha.

A professora Marineuma de Oliveira, pelos ensinamentos e por ter me permitido contemplar as belas poesias através de seu sarau poético.

A professora Ana Fonseca, pelos inúmeros abraços cheios de conforto e carinho.

A Andreza Vidal, que compartilhou comigo vários momentos acadêmicos como monitoria, eventos e trabalhos científicos.

Obrigada a todos, vocês nem imaginam o quanto foram e são importantes para mim.

“Seja gentil, pois cada pessoa que você encontra está travando uma grande batalha.”

(Frases do filme extraordinário, 2017)

## RESUMO

O capacitismo, que está cada vez mais evidente em nossa sociedade, inclusive no ambiente escolar, é um termo recente que faz referência às práticas e atitudes discriminatórias para com as pessoas com deficiência. Com base nesse argumento, o presente trabalho pretende discutir como o capacitismo se manifesta no contexto escolar. Para tanto, compreendemos que o modelo médico, que ainda determina os critérios para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) de estudantes com deficiência, caracteriza tais pessoas como incapazes. Por esta razão, adotamos o modelo social da deficiência como aporte teórico para este estudo, uma vez que tal modelo identifica as barreiras que na escola ou na sociedade, impedem a participação plena das pessoas com algum tipo de deficiência. O estudo realizado por meio de entrevista e observação junto a um estudante com deficiência intelectual de uma escola da rede municipal de João Pessoa - PB, revelou que ora de maneira explícita, ora por meio de atitudes veladas, o capacitismo ainda é uma prática recorrente no ambiente escolar. Tal fato evidencia-se tanto nos relatos do entrevistado, como na observação realizada, sendo possível perceber que há uma série de dificuldades na relação deste estudante com sua professora e com os colegas da turma, sendo ainda visíveis as inúmeras dificuldades em seu processo de ensino e aprendizagem e a ausência de medidas que viessem solucionar a questão. Com esse estudo, esperamos contribuir para que professores, gestores, alunos e comunidade escolar em geral possam de fato compreender o real sentido do capacitismo e assim atuar em favor do combate e eliminação de tais práticas que tanto afetam a inclusão das pessoas com deficiência na escola e na sociedade em geral.

**Palavras – Chave:** Capacitismo. Inclusão Escolar. Estudantes com Deficiência.

## **ABSTRACT**

The ableism, which is increasingly evident in our society, including in the school environment, is a recent term that refers to discriminatory practices and attitudes towards people with disabilities. Based on this argument, the present work intends to discuss how ableism manifests itself in the school context. Therefore, we understand that the medical model, which still determines the criteria for Specialized Educational Assistance (AEE) for students with disabilities, characterizes such people as incapable. For this reason, we adopted the social model of disability as a theoretical contribution to this study, since such a pattern identifies the barriers that, in school or in society, prevent the full participation of people with some type of disability. The study carried out through an interview and observation with a student with intellectual disabilities from a public school in João Pessoa - PB revealed that sometimes explicitly, sometimes through hidden attitudes, ableism is still a recurrent practice in the school environment. This fact has been evidenced in both sides, in the interviewee's reports and the observation in question, making it possible to notice that there are a number of difficulties in the relationship of the student with his teacher and with his classmates, as well as the numerous difficulties in his teaching and learning process are still visible, furthermore the absence of measures to resolve the issue. With this study, we expect to contribute so that teachers, managers, the students, and the school community, in general, can actually understand the real meaning of ableism and thus act in favor of fighting and eliminating such practices that affect the inclusion of people with disabilities in school as well as in society in general.

**Keywords:** Ableism. School Inclusion. Students with Disabilities

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AEE – Atendimento Educacional Especializado

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LBI – Lei Brasileira de Inclusão

PcD – Pessoas com Deficiência

SIC – Segundo Informações Colhidas

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. COMPREENDENDO O CAPACITISMO E OS OBSTÁCULOS À INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA.....	15
2.1 Entendendo a Deficiência: Algumas Concepções na Sociedade Atual..	15
2.2 Capacitismo: O que É e Como Compreendê-lo.....	17
2.3 Processo de Inclusão Escolar.....	19
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	25
4.1 O Estudante com Deficiência na Relação Professor – Aluno.....	26
4.2 O Estudante com Deficiência na Relação Aluno – Aluno.....	28
4.3 O Estudante com Deficiência e as Experiências de Aprendizagens.....	30
5. CONCLUSÃO.....	32
6. REFERÊNCIAS.....	34
7. APÊNDICE.....	37
7.1 Apêndice A.....	38
7.2 Apêndice B.....	39
7.3 Apêndice C.....	41

## 1. INTRODUÇÃO

O capacitismo se constitui como uma prática discriminatória para com as pessoas com deficiência, resultando em grandes dificuldades para estas pessoas, que em muitos casos, permanecem excluídas na escola, em suas próprias casas e na sociedade como um todo. Ciente disso, neste trabalho discutiremos inicialmente o modelo médico e o modelo social, duas concepções distintas de deficiência fortemente vivenciadas na sociedade atual, para então compreendermos o conceito de capacitismo e suas implicações no ambiente escolar.

O capacitismo pode se manifestar de várias formas como verbalmente, por meio de arquiteturas inacessíveis, através de sentimentos ou atitudes que revelam piedade/inferioridade ou ainda por meio de uma superproteção exacerbada. Neste sentido, esta proposta de estudo pretende discutir as implicações do capacitismo no ambiente escolar, tomando como problema de pesquisa, indagação acerca dos discursos e atitudes capacitistas revelados pelos diversos membros da comunidade, a saber: professores, gestores, funcionário e colegas.

A presente pesquisa justifica-se pela importância de se compreender o capacitismo, esclarecendo como esta forma de preconceito interfere de maneira negativa na vida de uma Pessoa com Deficiência (PcD), principalmente quando o mesmo é praticado no ambiente escolar, tendo em vista que é na escola que se tem as primeiras noções de cidadania. Aqui nos encontramos diante de uma situação contraditória, pois, para uma pessoa com qualquer tipo de deficiência a cidadania e o princípio da autonomia deixam de ser exercidos uma vez que capacidade de estudar, trabalhar ou de conviver socialmente é posta em xeque.

O interesse por esse tema de estudo, surgiu após a leitura de textos referentes ao capacitismo, ainda no terceiro período do curso de pedagogia, durante a disciplina educação especial. “capacitismo: o que é, onde vive, como se reproduz?” de Sidney Andrade (2015). A partir destas leituras, do ponto de vista acadêmico, julgamos necessário aprofundar esta reflexão devido a importância da temática, que oferece contribuições bastantes significativas em nosso percurso formativo.

Contudo, destacamos o objetivo deste estudo o qual consiste em identificar discursos e atitudes capacitistas rotineiramente vivenciadas em uma escola pública no município de João Pessoa - Paraíba, assim, pretendemos especificamente,

apresentar o conceito de capacitismo, discutindo como esse se manifesta na escola e na sociedade, observar o percurso escolar de uma criança com deficiência matriculada em uma escola do município de João Pessoa – Paraíba e por último, iremos refletir como o capacitismo pode prejudicar a autonomia de uma pessoa com deficiência durante seu percurso escolar.

No primeiro capítulo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentamos algumas considerações acerca dos modelos de deficiência presentes na sociedade atual a luz de alguns teóricos, com ênfase no conceito de capacitismo e suas múltiplas representações, ressaltando as experiências frequentemente vivenciadas na vida de pessoas com deficiência na escola e na sociedade como um todo e trataremos sobre os processos e as conquistas da inclusão das pessoas com deficiência no ambiente escolar.

Prosseguimos explicitando o caminho metodológico percorrido durante o estudo e, na sequência, trazemos o estudo de caso de uma criança com deficiência intelectual leve da rede pública do município de João Pessoa - Paraíba, por meio do qual refletimos acerca das evidências do capacitismo no ambiente escolar. Finalmente, apresentamos breves considerações da autora em relação ao tema em questão.

## **2. COMPREENDENDO O CAPACITISMO E OS OBSTÁCULOS À INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA**

O referencial teórico deste trabalho foi construído de maneira que nos ajude entender o que é a deficiência a partir da concepção de alguns autores: Diniz (2007), Andrade (2015), Mello (2016), em seguida conceituaremos o capacitismo, trazendo algumas de suas características presentes na nossa sociedade, e finalizaremos explicando como se dá o processo de inclusão escolar das pessoas com deficiências.

### **2.1 Entendendo a Deficiência: Algumas Concepções na Sociedade Atual.**

As primeiras concepções da deficiência estão intimamente ligadas ao modelo médico, de acordo com o qual a deficiência é um termo utilizado quando há uma anormalidade ou perda de membro em uma pessoa e que a limite fisicamente, sensorialmente ou intelectualmente, cuja ausência a limite de realizar atividades simples do dia a dia como a prática de esportes ou trabalhar. Estudiosos da área defendem, pelo menos dois modelos que nos permitem enxergar a deficiência, o primeiro é o modelo médico. De acordo com Diniz (2007) a pessoa com deficiência é vista apenas como lesão e um fato isolado, isentando a responsabilidade da sociedade para com ela. De acordo com essa concepção, a deficiência é um problema, uma tragédia pessoal, individual e biológica, trata-se de uma visão curativa, podendo a deficiência ser combatida por meio de tratamentos médicos, com o objetivo de normalizar a pessoa.

O segundo modelo é o social o qual defende que a deficiência é a soma de sequelas no corpo e nos limites impostos pela sociedade, sendo sua principal característica a responsabilidade da sociedade sobre a pessoa e sua deficiência, esse modelo afirma que as barreiras que uma pessoa com deficiência enfrenta, são resultantes da inadequação social. Tais barreiras sejam elas atitudinais, arquitetônicas, tecnológicas entre outras, dificultam o processo de inclusão e participação das pessoas com deficiência, não apenas na escola, mas também em muitos outros espaços da sociedade. O modelo social considera a diversidade e defende a adaptação da sociedade para com as pessoas com deficiência. Para Diniz a deficiência:

[...] não é mais uma simples expressão social de uma pessoa. Deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa deficiente. Assim como outras formas de opressão pelo corpo, tais como sexismo ou o racismo, os estudos sobre deficiência descortinaram uma das ideologias mais opressoras de nossa vida social: a que humilha e segrega o corpo deficiente (2007, p.1).

Mantendo a linha de pensamento de Diniz, Bentes (2012) revela que a compreensão acerca da deficiência se situa entre o modelo social e o modelo médico. O autor expõe que o modelo social inicialmente surgiu com uma oposição ao modelo médico, que passou a ser visto como uma forma de opressão às pessoas com deficiência.

Com o intuito de explicitar de maneira mais nítida, Bentes elaborou um quadro para diferenciar as características da deficiência entre os dois modelos existentes, o médico e social, o qual será reproduzido abaixo:

Quadro 1: Distinção entre abordagem médica e a abordagem social

MODELO MÉDICO	MODELO SOCIAL
Lesão.	Deficiência da sociedade.
Problema individual e biológico.	Problema estrutural e público, cultural e histórico.
Problema estrutural e público, cultural e histórico.	A sociedade incapacita, cria e impõe a deficiência.
É preciso prevenir, curar, reabilitar.	É preciso remover barreiras, ter legislação anti-discriminação. O deficiente precisa ter vida independente, ter direitos.
Posição vista como reacionária.	Posição vista como progressista.

Fonte: Bentes (2012)

Gaudenzi e Ortega (2016) fazem um resgate histórico acerca de como as pessoas com deficiência eram vistas. As autoras chamam a atenção para o fato de que, por um longo período, o pensamento ocidental considerava as PcD como inválidas, ou ainda como castigadas, ou protegidas por milagres divinos, fato que tem origem em antigas concepções religiosas. Estas autoras, concordam com Diniz e Bentes, em relação a narrativa biomédica acerca da deficiência. As mesmas citam que:

compreensão da deficiência como um fenômeno no âmbito da patologia ficou conhecido como o Modelo Médico da Deficiência ou Modelo da Tragédia Pessoal. Desta perspectiva, a desvantagem vivida pelos deficientes é efeito de desvantagens naturais inerentes aos contornos do corpo e, portanto, seus impedimentos são reconhecidos como infortúnios privados, uma tragédia pessoal (GAUDENZI, ORTEGA, 2016, p. 2).

Diante do exposto, fica evidente que, no geral, a sociedade ainda percebe as pessoas com deficiência a partir do viés biomédico, o que desfavorece o processo de inclusão escolar e social dessas pessoas, de tal maneira que mesmo existindo leis, as manifestações preconceituosas ainda são bastante comuns. É preciso, por tanto olhar para o modelo social que nos ajuda a melhor compreender as diversas formas de exclusão e discriminação que ainda hoje são vivenciadas pelas pessoas com deficiência.

## **2.2 Capacitismo: O que É e Como Compreendê-lo.**

Na sociedade em que vivemos, o preconceito por vezes se apresenta de maneira sorrateira e até com base em discurso de boas intenções, e não é diferente quando falamos desse tipo de prática para com as pessoas com deficiência. Considerando que o capacitismo é um termo utilizado quando ocorre discriminação ou violência experienciadas por pessoas com deficiência, sejam elas física, intelectual ou sensorial, violência esta que considera tais pessoas como incapazes em razão da sua condição. Observa-se que essas práticas discriminatórias podem ocorrer voluntariamente por meio de agressões físicas, xingamentos, arquiteturas inacessíveis, ou involuntariamente através de tratamento com sentimento de pena, inferioridade ou até mesmo uma superproteção exacerbada. Andrade traz em seu texto uma definição do que seria o capacitismo quando relata:

A lógica capacitista se configura como uma mentalidade que lê a pessoa com deficiência como não igual, incapaz e inapta tanto para o trabalho quanto para, até mesmo, cuidar da própria vida e tomar as próprias decisões enquanto sujeito autônomo e independente. Tudo isso porque, culturalmente, construiu-se um ideal de corpo funcional tido como normal para a raça humana, do qual, portanto, quem foge é tido, consciente ou inconscientemente, como menos humano (ANDRADE, 2015, p. 3).

O capacitismo se manifesta na maioria das vezes de forma imperceptível. Assim, uma proteção exacerbada pode ser considerada uma prática capacitista, e isso, é bastante comum entre familiares de pessoas com deficiência, eles entendem

que, aquela pessoa sempre vai precisar de ajuda para realização de atividades cotidianas, resultando assim, em sentimentos de dependência e incapacidade.

Por outro lado, qualquer comentário que considere uma pessoa com deficiência como herói porque esta trabalha ou estuda, também se caracteriza como um discurso capacitista, pois logo se vê que esse tipo de comentário, nega a capacidade de uma PcD em realizar atividades que são consideradas normais, isso acontece porquê enxergamos a pessoa com deficiência como alguém com rendimento inferior, ou em outras palavras, incapaz. Sobre isso, Mello expõe:

Os estudos recentes sobre o tema definem como capacitismo a forma como pessoas com deficiência são tratadas como “incapazes”, aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais como o racismo, o sexismo e a homofobia (MELLO, 2016, p.3272).

Como vimos, para a autora, a discriminação vivenciada pelas pessoas com deficiência é claramente associada ao preconceito enfrentado por mulheres, pessoas negras e outros grupos em desvantagem social.

A busca pela padronização é uma constante na nossa sociedade, essa normalização de corpos é fruto do pensamento capitalista que visa o aumento do meio de produção através da homogeneidade sem considerar as diversidades e as particularidades de cada pessoa, essa lógica lê a pessoa com deficiência como alguém que não é capaz de exercer determinada função ou que terá um rendimento abaixo do desejado, desta forma, tal pensamento acaba fomentando a marginalização do corpo com deficiência. Como vimos, o capacitismo é um preconceito bem presente na nossa sociedade e para evitar o uso de expressões capacitistas, torna-se necessário conhecer as particularidades e as necessidades de uma PcD contribuindo dessa forma para fortalecer o processo de inclusão destas pessoas.

As experiências capacitistas, tão presentes no ambiente de trabalho, local este pautado sempre na produtividade, também são frequentemente vivenciadas pelos estudantes com deficiência no ambiente escolar. Isto pode ocorrer por meio de situações em que os professores fornecem atividades com nível baixo para o estudante com deficiência por não acreditar em suas capacidades de aprender. Uma outra experiência capacitista comumente praticada, parte dos colegas de turmas desses estudantes que não compartilham das mesmas brincadeiras no momento da recreação.

Considerando que esta discursão é o foco de nossa pesquisa, destacamos a importância de combater atitudes capacitistas no ambiente escolar. Este, a nosso ver, é o primeiro passo para garantia de inclusão escolar dos estudantes com deficiência, questão que abordaremos a seguir.

### **2.3 Processo de Inclusão Escolar**

De acordo com a releitura dos dados realizada em 2018 do último censo publicado no ano de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou-se que aproximadamente 6,7% da população brasileira possui algum tipo de deficiência. A partir deste considerável número de pessoas com deficiência, torna-se necessário pensar como se dá o processo de inclusão dessas pessoas na sociedade e em particular no contexto escolar, o que nos propomos a discutir no presente estudo. Sobre tal questão os autores Dellani e Moraes (2012) afirmam:

A inclusão é uma inovação, cujo sentido tem sido muito distorcido e polemizado pelos mais diferentes segmentos educacionais. É um movimento mundial de luta das pessoas com deficiências e seus familiares na busca dos seus direitos e lugar na sociedade. Ela está ligada a todas as pessoas que não têm as mesmas oportunidades dentro da sociedade (p. 3).

Sabemos que na sociedade capitalista em que vivemos, a ideia que predomina está pautada na padronização de um corpo ideal, sem nenhuma falha referente a perda ou ausência de algo, pessoas que não se encaixam nessa padronização, não são bem acolhidas por essa sociedade, sendo vistas como incapazes de produzir em razão de sua condição.

Tal situação parece ser bem explícita quando se trata de uma pessoa com algum tipo de deficiência, a mesma experimenta situações cotidianas de discriminação e exclusão quando não se encaixa na regra do corponormativo. Mello (2012, p. 3271) relata uma ligação íntima com o capacitismo quando expõe que a mentalidade corponormativa: “considera determinados corpos como inferiores, incompletos ou passíveis de reparação/reabilitação quando situados em relação aos padrões hegemônicos corporais/funcionais”. Desta forma, julgam as pessoas com deficiência como incapazes, dada a sua condição.

A fim de combater a exclusão social, e ainda, com base no anseio de construir uma sociedade democrática e igualitária, foram criadas leis que asseguram o direito dessas pessoas. É o caso da lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989 a qual garante

possibilidades plenas de matrícula de estudantes com deficiência na rede regular de ensino. Esta mesma lei enfatiza:

[...] os valores básicos da igualdade de tratamento e oportunidade, da justiça social, do respeito à dignidade da pessoa humana, do bem-estar, e outros, indicados na Constituição ou justificados pelos princípios gerais de direito (BRASIL, 1989).

No tocante a legislação, a mais recente conquista alcançada foi a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), instituída no ano de 2015. a lei 13.146/15, também conhecida como estatuto da pessoa com deficiência, vem reafirmar o direito à inclusão dessas pessoas na sociedade assegurando-lhes condições plenas de acessibilidade arquitetônica, comunicacional e tecnológica. A lei recomenda ainda a eliminação das mais diversas barreiras, que, uma vez presentes na sociedade, diminuem as chances de participação e aumentam a exclusão das pessoas com deficiência. Neste documento acessibilidade é definida como:

[..] possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2015)

As leis citadas acima, vem promovendo uma pequena evolução na questão da inclusão de pessoas com deficiência na sociedade de forma justa, entretanto a principal barreira a ser removida é a barreira atitudinal. Nessa perspectiva, o primeiro passo para que o preconceito desapareça, deve partir de atitudes concretas que, de fato estimulem experiências de inclusão e participação das pessoas com deficiência.

Como já sabemos, a escola não foge à lógica citada acima, pois está sempre na busca constante de padronização do aluno no intuito de oferecer uma educação única e igualitária para todos. Essa característica escolar de não considerar as particularidades do aluno, acaba favorecendo o processo de segregação e até mesmo de exclusão do estudante com deficiência.

Diante desta realidade, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) implementado nas escolas brasileiras, tem como proposta ampliar as possibilidades de participação, desenvolvimento e inclusão das pessoas com deficiência no ambiente escolar. Como mencionam Oliveira e Oliveira:

[...]nas salas de AEE todos os profissionais que atuam dentro da sala tem que pôr direito garantir uma educação de qualidade e que venha despertar no alunos com necessidades especiais cria o interesse pela as atividades que é desenvolvidas pelo(a) o(a)s profissionais da educação e que o ensino diferenciado não seja como um espaço que venha como reforço escolar, mas sim como um complemento das atividades escolares. (2017, p. 2)

Com isso, podemos afirmar que as leis têm contribuído de forma bastante significativa para o processo de inclusão, favorecendo a participação e o desenvolvimento do estudante com deficiência. Neste sentido, é importante ressaltar a necessidade de participação desses estudantes na sala de AEE, pois a mesma oferece um atendimento suplementar que possibilita a eliminação de inúmeras barreiras.

O professor da sala de AEE é um agente muito importante na escola quando se trata da inclusão, mas o atendimento desse profissional não dispensa a participação do professor de sala regular no desenvolvimento das capacidades de um estudante com deficiência. Para Silva e Arruda o professor de sala de aula regular:

[...] não pode ser diferente de um professor de inclusão, onde seja valorizado o respeito mútuo à sua capacidade e seu espaço, facilitando assim sua atuação de forma livre e criativa proporcionando a cada um, uma sala de aula criativa e diversificada, dando a oportunidade de participar das atividades adaptadas às necessidades de cada aluno, já que o professor vai ser sempre o responsável pelo sucesso ou pelo fracasso da aprendizagem dessa criança (2014, p. 5).

A escola que almeja a inclusão valoriza as diversidades e tem como um dos objetivos, desenvolver as capacidades dos estudantes com deficiência, fazendo com que eles se sintam aptos para enfrentar desafios e sendo protagonistas da construção de seus conhecimentos, para isso, se faz necessário a participação ativa de toda a comunidade escolar.

Comumente, os estudantes com deficiência costumam enfrentar barreiras que lhes são prejudiciais como: arquitetônicas, comunicacionais e atitudinais, que acabam dificultando o acesso, a participação e a aprendizagem desse grupo. É imprescindível que comecemos a repensar as limitações enfrentadas por esses estudantes no ambiente escolar, com o objetivo de promover a equidade de condições entre os alunos.

Diante do exposto entendemos que a inclusão escolar somente acontecerá quando tais barreiras forem eliminadas ou ao menos reduzidas. Além disso, mais que padronizar corpos ou rotular estudantes com deficiência como incapazes, é preciso,

em primeiro lugar, conhecer sua história de vida, propondo estratégias que, realmente respondam as suas reais necessidades.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Inferimos que o ato de descrever o caminho metodológico percorrido para a realização desta pesquisa é de extrema relevância posto que nos ajuda a obter uma compreensão mais clara em relação a proposta deste estudo. Por isso, abaixo segue todos os procedimentos utilizados para a elaboração deste TCC com a finalidade de explicitar o caminho traçado para alcançarmos os objetivos propostos.

Inicialmente registramos que este trabalho foi construído a partir de abordagens qualitativas, pois entendemos que os dados coletados foram subjetivos, extraído da realidade do educando em questão, a exemplos de sentimentos de afetos, inseguranças, companheirismo, medos e angústias entre outros. Gerhardt e Silveira (2009, p.32) expõe que:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Diante de tal perspectiva, com o presente estudo, pretendemos dialogar com os estudiosos da área da deficiência e ainda com os diversos atores que integram nossas escolas, com a finalidade de identificar discursos e atitudes capacitistas responsáveis por experiências de exclusão e discriminação recorrentes no percurso escolar de estudantes com deficiência.

Na realização deste estudo utilizamos, em primeiro lugar, o método de pesquisa de cunho bibliográfico, tendo em vista que se fez necessário discutir e relacionar conceitos e ideias de autores sobre a temática do estudo, com o objetivo de obter maior esclarecimento sobre o capacitismo no ambiente escolar. Sousa, Oliveira e Alves (2021, p.65) caracterizam a pesquisa bibliográfica como um método:

[...] em que o pesquisador busca obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa a ser realizada. Ela nos auxilia desde o início, pois é feita com o intuito de identificar se já existe um trabalho científico sobre o assunto da pesquisa a ser realizada, colaborando na escolha do problema e de um método adequado, tudo isso é possível baseando-se nos trabalhos já publicados.

Por tanto, verificamos que a pesquisa bibliográfica se torna fundamental para a realização deste trabalho, tendo em vista que se fez necessário partirmos de um suporte teórico sobre a temática para então começarmos a analisar a realidade investigada a partir desta base.

Realizamos uma entrevista que aconteceu de maneira subjetiva, com perguntas abertas para que o entrevistado pudesse respondê-las de maneira confortável, de acordo com sua vivência no ambiente escolar, e assim, nos permitindo observar mais minuciosamente informações, atitudes, controvérsias, comportamento e reações do entrevistado. Sobre a entrevista como método para coleta de dados Duarte (2004, p. 215) ressalta:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo.

A entrevista se mostrou pertinente para a concretização deste trabalho, pois ela possibilitou coletar informações diferentes de forma delimitada de uma só pessoa, utilizamos um roteiro estruturado com perguntas relacionadas as brincadeiras, interação com os colegas da escola e relacionamento do entrevistado com seus professores.

Para que as informações ficassem registradas de maneira adequada, sem nenhuma alteração utilizamos um diário de campo com a intenção de que tais informação não ficassem perdidas. De acordo com Kroef, Gavillon e Ramm o diário de campo:

[...] possibilita visibilizar aspectos da implicação do(a) pesquisador(a) com o campo estudado. Tal modalidade de escrita compreende a descrição dos procedimentos do estudo, do desenvolvimento das atividades realizadas e também de possíveis alterações realizadas ao longo do percurso da pesquisa, além de servir como uma narrativa textual das impressões do(a) pesquisador(a) (2020, p.466)

Com isso, achamos imprescindível o uso desse instrumento de investigação metodológica, com o intuito de registrar todas as impressões e observações realizadas.

Salientamos que a escolha da criança se deu a partir do nosso entendimento que o sujeito da pesquisa deveria ter algum tipo de deficiência, pois a partir do seu relato de vivência, iríamos extrair possíveis práticas capacitistas no ambiente escolar. Também utilizamos o critério que o estudante deveria estar no 4º ou 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, pois ele teria melhor esclarecimento do trabalho que estávamos desenvolvendo com ele e que certamente poderia nos fornecer informações mais precisas no ato da entrevista realizada.

Como já falado anteriormente, empregaremos um codinome fictício na criança do sexo masculino e o chamaremos de Lucas. Este estudante possuía 12 anos e se encontrava no 5º ano da sala de aula regular do ensino fundamental, possui o laudo de deficiência intelectual leve e estudava na escola no turno vespertino e utilizava no contra turno pela manhã a sala de AEE.

O estudante entrevistado fazia parte do 5º ano do ensino fundamental. Como o mesmo apresentava dificuldades de leitura, a entrevista mais uma vez se mostrou importante para coletar as informações necessárias.

Além da entrevista, procuramos realizar uma cuidadosa observação em relação ao comportamento do estudante investigado, sua interação com os professores, com seus colegas, além da participação e envolvimento do mesmo nas diversas atividades realizadas em sala de aula. Soares, Pereira e Dias (2014, p. 8) ressaltam que a observação:

possibilita a inserção do pesquisador em seu objeto de estudo, assim, chegando mais próximo do fenômeno a ser estudado, esta forma de observação, certas vantagens, pois permite que o pesquisador registre os eventos excepcionais do fenômeno, os quais ele jamais teria acesso observando de forma sistemática distante da realidade.

Com isso, compreendemos que observar a criança em seu contexto escolar, nos auxilia em entender o fenômeno do capacitismo. A observação aconteceu ao longo de toda a manhã, durante as aulas de artes, matemática e ao decorrer do recreio, feito isso, em seguida realizamos a entrevista com a criança.

O *lôcus* da pesquisa foi uma escola pública da rede municipal, situada em uma comunidade periférica na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. Escolhemos essa escola pelo fato de que a mesma possui em suas dependências uma sala de AEE com profissionais especializados que atendem não só a localidade como os

bairros circunvizinhos, e por isso, a escola é uma referência na região quando se trata da inclusão dos estudantes com deficiência.

Realizamos a pesquisa de campo no mês de outubro do ano de 2018, época em que a escola possuía 582 alunos matriculados, funcionando em três turnos: manhã, tarde e noite, sendo eles 239 nos anos iniciais do ensino fundamental (1° ao 5°ano), 207 nos anos finais (6° ao 9° ano), 110 na educação de jovens e adultos. Deste total de alunos, 26 matriculados possuíam alguma deficiência e faziam parte do Atendimento Educacional Especializado.

Optamos por analisar os dados a partir da escolha de três, além disso, os dados foram analisados com base nas contribuições oferecidas pelos teóricos da área da deficiência.

Diante disso se faz necessário esclarecer que as pessoas envolvidas na pesquisa não foram identificadas, apenas utilizamos as suas funções na escola, e empregamos codinome para o estudante entrevistado, afim de preservar sua identidade.

Informamos que, cumprimos as recomendações éticas constantes da resolução 510/16. Desta forma, foi comunicado ao entrevistado sobre a possibilidade de desistir da pesquisa a qualquer momento sem nenhum dano ao mesmo. Utilizamos carta de apresentação contendo a solicitação de autorização para pesquisa a referida escola, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado pelo entrevistado e por ser menor de idade, também contém assinatura de seu responsável.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Após a realização da entrevista e das observações, neste capítulo faremos a análise e discussão dos resultados, com base no conceito de capacitismo, apresentado no capítulo teórico deste TCC, e em outros estudiosos da área da deficiência. Para tanto organizamos os dados a partir de três categorias investigativas a saber: os estudantes com deficiência e relação professor - aluno, os estudantes com deficiência relação aluno – aluno, os estudantes com deficiência e as experiências de aprendizagens.

#### 4.1 O Estudante com Deficiência na Relação Professor – Aluno

Nesta seção, a partir da entrevista e das observações realizadas, discutiremos elementos acerca de como se dá a relação entre estudantes com deficiência e seus professores, relação essa que por muitas vezes, se torna prejudicada em razão das experiências capacitistas que fazem com que seus professores vejam os estudantes com deficiência como incapazes ou inferiores durante a realização das atividades escolares e em diversas outras situações vivenciadas no dia a dia da sala de aula.

Como posto anteriormente no percurso metodológico, a entrevista com o Lucas se deu após seu retorno do recreio, onde já tínhamos realizado várias observações. Preservamos todas as palavras oralizadas pela criança, no intuito de que não houvesse nenhuma alteração em relação a sua fala durante a entrevista.

Com a intenção de compreender como se dá a relação entre os estudantes com deficiência e seus professores, direcionamos ao Lucas a seguinte indagação: De que forma sua professora costuma ajudar quando você encontra alguma dificuldade na realização das atividades?

“eu peço sempre ajuda a ela e ela vem aqui na minha mesa”

Segundo Informações Colhidas (SIC)

Durante o dia em que realizamos a observação, o Lucas teve a primeira aula de Educação Física, a segunda aula de artes e terceira de matemática todas com equivalência de 45 minutos, foi possível acompanhar a criança durante a aula de artes com uma segunda professora e de matemática com sua professora de ensino regular, durante a aula de arte, não houve nenhuma interação e nenhum processo de inclusão na aula da professora com o Lucas, em momento algum ele participou da aula e não fez a atividade proposta que consistia em desenhar um rosto de uma mulher. Quando questionado por nós em relação ao porquê de não realizar a atividade, o Lucas respondeu que não sabia. E isso contrapõe a sua resposta anterior, pois o mesmo havia nos respondido que ele sempre pedia ajuda e que a professora vinha até sua mesa lhe ajudar, fato que não ocorreu em sua aula de artes.

Sobre a relação professor aluno, Bulgraen (2010, p. 37) argumenta que “o professor precisa ter o entendimento de que ensinar não é simplesmente transferir

conhecimento, mas, ao contrário, é possibilitar ao aluno momentos de reelaboração do saber dividido”. Nesse sentido, consideramos importante destacar o relevante papel do professor que, mais que um transmissor, deve se perceber como um mediador do conhecimento. No caso da atividade proposta, o aluno Lucas certamente tinha uma noção do que era um rosto de uma mulher pela sua vivência, mas quando foi pedido que ele desenhasse a referência de um rosto de forma sistemática e sem a mediação de sua professora, o estudante logo apresentou dificuldades.

Durante a entrevista, perguntamos ao Lucas se ele já ouviu de algum professor que trabalha na escola, que ele não poderia fazer algo por conta da sua deficiência, se sim, de quem? neste momento notamos que o Lucas ficou bastante pensativo e nos pareceu que ele iria hesitar em responder, mas em seguida ele nos deu a seguinte resposta:

“Sim, mas faz tempo e não ‘si’ lembro ainda não”(SIC)

A lembrança desse possível discurso capacitista certamente veio a memória. Entretanto, ao recordar esse fato vivenciado ele optou por negá-lo. Entre várias possibilidades dessa negação, deduzimos que as palavras que foram ditas tenham sido pronunciadas por um professor próximo ao Lucas, o que provavelmente o levou a omitir o fato, talvez por medo de alguma retaliação, ou ainda para não prejudicar o docente.

Experiência de dependência, além de crenças demasiadas acerca de suas limitações são características explícitas do capacitismo e tais atitudes influenciam de maneira negativa na vida de qualquer pessoa com deficiência, principalmente quando sua capacidade é negada. Andrade argumenta o quanto a lógica capacitista é prejudicial para uma criança, ao afirmar que:

[...] eu poderia dizer-lhes que Capacitismo é essa força invisível que faz um menino de 12 anos não se sentir no direito de sonhar, porque seus olhos não estão de acordo com o que um conceito construído de normalidade espera deles. (2015, p.2)

No ambiente escolar é comum que os estudantes com deficiência recebam uma proteção exacerbada por parte de seus professores ou seus cuidadores, tal proteção os joga como coitados, enraizando sentimentos de pena ou dó, tais sentimentos acabam por minimizar a pessoa e logo, sua deficiência a sobrepõe. Quando adotadas

por profissionais, práticas semelhantes a estas, acabam inviabilizando essas crianças e reduzindo consideravelmente sua autonomia, pois lhes é dito que em razão de sua condição de pessoa com deficiência, elas não têm capacidade de realizar determinadas ações no ambiente escolar.

Diante desta circunstância, entendemos que é necessário aos professores um novo olhar acerca da deficiência, que os levem a se desprender de discursos e atitudes capacitistas, contribuindo dessa forma para fortalecer a inclusão de estudantes com deficiência em sua sala de aula.

#### **4.2 O Estudante com Deficiência na Relação Aluno – Aluno**

Aqui, trataremos da relação entre estudantes com deficiência e os demais colegas da sua turma bem como com os outros colegas da escola. Assim como ocorre na relação professor – aluno, observamos que o capacitismo produz marcas desgastantes para os estudantes com deficiência, impedindo-os de estabelecer uma relação de igualdade de condições com seus colegas da sala de aula, como nos revela a entrevista analisada neste TCC.

Particularmente quando se trata de crianças, consideramos que o brincar constitui uma ação de extrema relevância, não apenas em razão de aspectos lúdicos ou pedagógicos, mais também no sentido de fortalecer os vínculos entre os alunos de uma mesma sala de aula, o que se torna ainda mais necessário com a presença de estudantes com algum tipo de deficiência. Fleiger (2020, P. 7) expõe que:

[...] quando os alunos deficientes, no processo de inclusão entram em contato com o mundo do lúdico através dos jogos e brincadeiras, estes os levam a conhecer e ampliar seus limites, pois o viver é brincar, o brincar se transforma em brincadeira, a brincadeira para o aluno é algo considerado sério e deve ser respeitado e comparado ao trabalho do adulto.

Quando questionado sobre o que costumava brincar, Lucas respondeu que gostava de brincar de pega-pega, em seguida, perguntamos com quem ele brincava e ele nos relatou que fazia isso com os seus amigos da sala. Perguntamos ainda ao menino se ele teria brincado no intervalo naquele dia com seus amigos e ele respondeu:

“Brinquei com meus amigos”(SIC)

A resposta anterior nos chamou a atenção, pois ao observar o garoto Lucas durante o recreio, percebemos que em nenhum momento ele teve contato com os demais colegas, durante a maior parte do intervalo, ele corria de um lado para o outro do espaço destinado para a recreação, mas a todo momento ele brincava sozinho. Ao nosso ver, esta é uma experiência bem visível de exclusão que, somente poderá ser transformada a partir de uma ampla mudança no sistema e na mentalidade de cada pessoa, que deverão se mostrar mais abertos para acolher e conviver com as diferenças. Linch faz referência do que seria um processo de exclusão:

é um processo sutil e dialético, existe em relação á inclusão como parte construtiva dela. É um processo que envolve a pessoa por inteiro e suas relações com outros, sendo um produto do funcionamento do sistema. (2002, p. 36).

Esse processo de exclusão normalmente acontece de maneira velada e sutil, fazendo com que o garoto Lucas se sinta incluído por seus colegas, mas isso não era o que realmente acontecia, ele tinha essa sensação de inclusão, pelo fato dele estar no mesmo ambiente com os demais alunos, fazendo com que ele pensasse que estivesse brincando com os outros, cena que também pode se repetir para um número considerável de estudantes com deficiência matriculados nas escolas brasileiras.

Ao observar o Lucas durante as aulas, verificamos que seus colegas interagiam uns com os outros constantemente, tanto a respeito das atividades realizadas, quanto a respeito das conversas paralelas, mas tal fato, não acontecia com o menino, que ficava apenas sentado encostado na parede na sala de aula.

Na intenção de investigar a sua interação com a turma, foram feitas perguntas, sobre a relação de afetividade que o Lucas teria construído com os seus colegas. A esse respeito, foi indagado ao entrevistado se o mesmo tinha alguma dificuldade de interagir com seus colegas e ele nos respondeu que não tinha nenhuma, em seguida perguntamos se seus colegas costumavam ajudá-lo em alguma atividade que ele tinha dificuldade de entender e ele nos respondeu:

“eles costumam me ajudar” (SIC)

Entretanto, durante a visita à escola, notamos que nenhum colega se aproximou do entrevistado para conversar ou para auxiliá-lo em alguma atividade,

como relatado anteriormente, o que nos mostra que ele pode ter negado tais informações durante a entrevista. Sobre essa relação de afetividade, Luz afirma:

Para as crianças o conceito de amizade está condicionado pela proximidade física e pela preferência de atividades. As relações de amizade na infância são baseadas em ações simples, como o brincar ao faz de conta ou a partilha de brinquedos. (2014, p. 4).

Com base na autora, percebemos que pelo fato de Lucas estar inserido em uma escola regular, onde os alunos convivem harmonicamente uns com os outros, Lucas imaginava estar vivenciando relações de afetividade e coleguismo comuns para sua idade. Contudo, entendemos que não havia necessariamente, um processo de interação social, com isso podemos enxergar uma clara omissão capacitista por parte de seus colegas, que o excluía das brincadeiras e limitava a interação entre eles.

Diante do exposto, ressaltamos que é preciso informar aos alunos em relação às situações de estudantes com deficiência existentes em determinadas turmas, demonstrando a maneira como todos os alunos podem se envolver nesse processo, colaborando para a criação de um ambiente que seja, de fato, acolhedor e inclusivo.

#### **4.3 O Estudante com Deficiência e as Experiências de Aprendizagens**

Finalmente, nesta terceira seção, apresentamos aspectos relacionados com a aprendizagem de estudantes com deficiência, demonstrando através da entrevista e observações realizadas que também no processo de aprendizagem o capacitismo gera uma série de interferências, já que os professores e os demais profissionais da escola por vezes desacreditam da capacidade produtiva destes estudantes.

Em uma breve conversa informal com a psicóloga, nos foi relatado que o bairro onde estava inserida aquela comunidade escolar, é considerado um local periférico e violento. Esse relato nos ajuda a compreender algumas respostas trazidas por Lucas, revelando assim, alguns traços da sua personalidade. Quando indagado sobre qual profissão ele desejava desempenhar quando crescer a resposta foi:

“Soldado, porquê ele entra na guerra” (SIC)

A guerra trás características associadas a violência que se tornou algo presente em seu contexto, com base nisso, compreendemos a resposta anterior. Em seguida perguntamos se ele gostava de guerra e ele respondeu rápido em um tom de certeza:

“Sim” (SIC)

Com essa resposta, foi possível compreender o contexto social no qual o Lucas está inserido. Além disso, um funcionário da escola nos relatou que lá existia uma criança vítima da violência no bairro, a qual adquiriu a deficiência após troca de tiros na comunidade. Este contexto nos ajuda a compreender as respostas fornecidas por Lucas no tocante a escolha e justificativa do desejo de sua futura profissão.

Finalmente, buscamos ouvir, a partir das próprias palavras do entrevistado, se o mesmo já havia experienciado discursos ou atitudes preconceituosas, e ainda, se ele julgava ter autonomia durante sua permanência na escola. Nesse sentido, ao ser indagado se já ouviu alguma palavra que o ofendeu por conta da sua deficiência e o entrevistado respondeu:

“Não”(SIC)

Também de forma monossilábica, quando questionado acerca da autonomia o garoto responde:

“Sim”(SIC)

Sabe-se que no ambiente escolar a conquista da autonomia é um passo necessário e importante, inclusive para os estudantes com deficiência que, a partir do que aprendem na escola, se sentirão bem mais seguros, em sua casa ou em qualquer outro espaço social.

Sobre a questão da autonomia, Freire (1996, p. 66) expõe que “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Ressaltamos por tanto o relevante papel da escola no tocante ao processo da autonomia e da construção de novos conhecimentos no cotidiano de estudantes com e sem deficiência.

Enfatizamos ainda que, apesar do pouco tempo de observações e contato com o referido estudante, observamos certo desinteresse em relação à sua aprendizagem por parte da professora que, em determinadas situações, chegava a dar respostas prontas ao garoto, pedindo que as marcasse nas atividades avaliativas. Diante de tal circunstância, entendemos que a deficiência de Lucas não era o maior impedimento para que o mesmo pudesse aprender, já que o desinteresse da professora e o

contexto social no qual o mesmo estava inserido exerciam grande influência nesse processo. Diniz (2007) diz que a deficiência denuncia a estrutura social em que o indivíduo está inserido, desta forma, evidenciando as barreiras encontradas cotidianamente em ambiente. Com base na autora, expomos que as barreiras atitudinais encontradas em sua sala de aula, acaba por prejudicar o processo de aprendizagem do garoto Lucas

Os dados coletados nesta investigação nos permitiram compreender que assim como a exclusão de pessoas e grupos minoritários, a prática capacitista se dá, geralmente, de forma quase imperceptível. Por esta razão, torna-se necessário um olhar mais acolhedor por parte dos professores quando se tem em sua sala de aula um aluno com deficiência, pois o capacitismo muitas vezes pode ser demonstrado por meio de uma super proteção exacerbada, com uma aparente boa intenção de que o mesmo não venha a “sofrer” mais ainda. Além disso, o capacitismo é claramente percebido a partir de atitudes de exclusão por parte de seus colegas nos momentos de brincadeiras e interação social, momentos esses fundamentais para o desenvolvimento e, por conseguinte, para a aprendizagem de toda e qualquer criança.

## **5. CONCLUSÃO**

É notório que houve grandes mudanças no contexto educacional brasileiro possibilitando, com isso, uma maior participação dos estudantes com deficiência na sala de aula regular. A partir de tal avanço, surgiram uma série de desafios no espaço escolar, desafios estes que dificultam o processo de inclusão desses alunos de maneira que lhes negam o direito de participar e de aprender em igualdade de condições com os demais estudantes.

Ressaltamos que há uma necessidade de mudança de postura por parte das instituições escolares que, por muitas vezes, não se propõe a adotar práticas pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento de estudantes com deficiência, contribuindo, para que os mesmos possam ser agentes ativos em seu percurso educacional.

Com isso, se faz necessário que a escola deixe de lado o modelo de segregação e integração, que, embora já superado pela legislação brasileira, por muitas vezes se torna presente na prática adotada em nossas escolas. Os dados

coletados nos permitiram identificar que as práticas capacitistas por vezes, ainda são comuns no ambiente educacional. Tal processo prolonga o caminho rumo a inclusão escolar que, de acordo com a legislação em vigor, é assegurada desde a educação infantil até o ensino superior.

Com esse estudo, buscamos evidenciar as práticas capacitistas que rotineiramente se fazem presentes no ambiente escolar, na intenção de que tais práticas sejam refletidas e entendidas como prejudiciais para os estudantes com deficiência, visando assim, a quebra de paradigmas como o da exclusão e integração comumente evidenciados no sistema escolar brasileiro.

Com isso, esperamos apontar algumas alternativas que auxiliem aquelas escolas que, de fato estão comprometidas com a inclusão de estudantes com deficiência, a fim de que possam atuar na identificação e no enfrentamento dos discursos e atitudes capacitistas, a exemplo daqueles que elencamos neste texto. Tais práticas foram observadas de maneira implícita e explícita na instituição de ensino visitada, tornando-se, dessa forma, prejudiciais na vida de qualquer pessoa com deficiência como evidenciado anteriormente. Esperamos, finalmente, que haja avanços na construção de pesquisas visando ampliar o conhecimento acerca do capacitismo, o qual deve ser urgentemente combatido, na escola e na sociedade atual.

## 6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sidney. **Capacitismo: o que é, onde vive, como se reproduz?**

Disponível em: <https://medium.com/@sidneyandrade23/capacitismo-o-que-%C3%A9-onde-vive-como-se-reproduz-5f68c5fdf73e>. Último acesso em: 28 nov 2021.

BENTES, José Anchieta de Oliveira. **ESTUDOS DA DEFICIEÊNCIA, EDUCAÇÃO DE SURDOS E ATRIBUIÇÕES NO TRABALHO DOCENTE**. rev. cocar. V 6, n.11.

Site Disponível em:< <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/216>> Último acesso em: 24 nov 2021.

BRASIL.Lei 7.853 de 24 de outubro de 1989. **Apoio as pessoas com deficiências**.

Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília. Site disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L7853.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7853.htm)> Último acesso em: 13 nov 2021.

BRASIL. Lei 13.146/15.**lei brasileira de inclusão**. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília. Site disponível

em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)> Último acesso em: 13 nov 2021.

BRASIL. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. **Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde**. Diário Oficial da União 2016; 7 abr. Site disponível em:

<<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> último acesso em 25 nov 2021.

BULGRAEN, Vanessa C. **O PAPEL DO PROFESSOR E SUA MEDIAÇÃO NOS PROCESSOS DE ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO**. Site disponível em:<

[http://www.moodle.cpscetec.com.br/capacitacaopos/mstech/pdf/d3/aula04/FOP\\_d03\\_a04\\_t07b.pdf](http://www.moodle.cpscetec.com.br/capacitacaopos/mstech/pdf/d3/aula04/FOP_d03_a04_t07b.pdf)> Último acesso em: 25 nov 2021.

\_\_\_\_\_. Nota técnica 01/2018: Releitura dos dados de pessoas com deficiência no Censo Demográfico de 2010 à luz das recomendações do Grupo de Washington.

S.I.: IBGE, 31 jul. 2018. Disponível em:<

[https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/metodologia/notas\\_tecnicas/nota\\_tecnica\\_2018\\_01\\_censo2010.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/metodologia/notas_tecnicas/nota_tecnica_2018_01_censo2010.pdf)> Último acesso em: 02 jan 2022.

DELLANI, Marcos Paulo.MORAES, Deisy Nara Machado. **INCLUSÃO: CAMINHOS, ENCONTROS E DESCOBERTAS**.vol.7-nº15.rev.Educação do Ideau. Site disponível

em:< [https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/50\\_1.pdf](https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/50_1.pdf)> Último acesso em: 13 nov 2021.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**, col. primeiros passos, ed. brasiliense.1 ed.2007. site disponível

em:<<https://pedagogiafadba.files.wordpress.com/2013/03/texto-1-o-que-c3a9-deficic3aancia.pdf>> Último acesso em: 13 nov 2021.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Site disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLHy4XhdJsChj7YW7jh/?format=pdf&lang=pt>> Último acesso em: 30 nov 2021.

Fleiger, Clarice. **O LÚDICO E A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Site disponível em:

<<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/10099/1/O%20L%C3%9ADICO%20E%20A%20INCLUS%C3%83O%20DE%20CRIAN%C3%87AS%20COM%20DEFICI%C3%8ANCIA%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INANTIL.pdf>> Último acesso em: 20 nov 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. ed paz e terra, 25ªed, São Paulo. Site disponível em <<http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>> Último acesso em: 26 nov 2021.

GAUDENZI, Paula. ORTEGA, Francisco. **Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade**. Site disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/HFz9VsDjHFTLsyCzNQThK9y/?lang=pt>> Último acesso em: 22 nov 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Ed. 2009, ed UFRGS. Site disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Último acesso em 25 nov 2021.

Kroef, Renata Fischer da Silveira. Gavillon, Póti Quartiero. Ramm, Laís Vargas. Estudos e Pesquisas em Psicologia. **Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020. Site disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v20n2/v20n2a05.pdf>> Último acesso em: 16 dez 2021

LINCH, Jaqueline Picetti. **Movimento de exclusão escolar oculta**. Site disponível em<  
<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16983/000341926.pdf?sequence=1>> Último acesso em 14 nov 2021.

LUZ, Rita Miguel da. **A importância da afetividade em crianças de idade pré-escolar**. Site disponível em: <[https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/8298/1/Relat%C3%B3rio%20Final\\_RitaLuz.pdf](https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/8298/1/Relat%C3%B3rio%20Final_RitaLuz.pdf)> Último acesso em: 14 de nov 2021.

MELLO, Anahi Guedes de. **Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC, *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2016, vol.21, n.10.site disponível em< <http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n10/1413-8123-csc-21-10-3265.pdf>> Último acesso em 14 nov 2021.**

OLIVEIRA, José Jenkis da Silva. OLIVEIRA, Adriana Maria Markan Silva Gaspar de. **A IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NAS ESCOLAS DE ENSINO DA REDE PÚBLICA DE CAMOCIM**. Site disponível em: <[http://prpi.ifce.edu.br/nl/\\_lib/file/doc2490-Trabalho/ARTIGO%20PRONTO%20INCLUS%3O1.pdf](http://prpi.ifce.edu.br/nl/_lib/file/doc2490-Trabalho/ARTIGO%20PRONTO%20INCLUS%3O1.pdf)> Último acesso em: 25 nov 2021.

SILVA, Ana Paula Mesquita da. ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. **O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar**. Site disponível em: <

[https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes\\_pdf/educacao/v5\\_n1\\_2014/Ana\\_Paula.pdf](https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Ana_Paula.pdf)> Último acesso em: 25 nov 2021.

SOARES, Joécio Gonçal ves. PEREIRA Tiaro Katu. Pereira, DIAS, Wollli ver Anderson. **Método da Observação: reflexões acerca de seu uso e formas de aplicação**. Site disponível em: <

[https://www.academia.edu/4914317/M%C3%A9todo\\_da\\_Observa%C3%A7%C3%A3o\\_reflex%C3%B5es\\_acerca\\_de\\_seu\\_uso\\_e\\_formas\\_de\\_aplica%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/4914317/M%C3%A9todo_da_Observa%C3%A7%C3%A3o_reflex%C3%B5es_acerca_de_seu_uso_e_formas_de_aplica%C3%A7%C3%A3o)> Último acesso em: 25 nov 2021.

SOUSA, Angélica Silva de. OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. ALVES, Laís Hilário. A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS. Site disponível em: <

<https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2336>> Último acesso em 29 nov 2021.

YIN, robert k. **Estudo de Caso Planejamento e Métodos**. trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2001. Site disponível em: <

[https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia\\_da\\_pesquisa\\_estudo\\_de\\_caso\\_yin.pdf](https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf) > Último acesso em: 29 nov 2021.

# APÊNDICE

**Apêndice - A****ROTEIRO DE ENTREVISTA**

- 1- Qual a brincadeira que você mais gosta na escola?**
- 2- Você costuma brincar sozinha ou em grupo com outros colegas?**
- 3- Hoje você brincou com seus amigos ou sozinho?**
- 4- Seus colegas costumam lhe ajudar em alguma atividade que você tem dificuldade de entender?**
- 5- Você sente alguma dificuldade de interagir com seus colegas? Se sim, qual?**
- 6- De que forma seu professor costuma lhe ajudar quando você sente alguma dificuldade nas atividades?**
- 7- Qual profissão você quer ter quando crescer?**
- 8- Você já ouviu alguma palavra que lhe ofendeu por conta da sua deficiência?**
- 9- Você se sente capaz de fazer qualquer coisa independente da sua deficiência?**
- 10- Você já ouviu de algum professor da escola que você estuda, que você não pode fazer algo por conta da sua deficiência? Se sim, de quem?**

**Apêndice – B****UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA****SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Ao responsável

Eu, Vanessa Castro Alves de Sousa, responsável principal pela pesquisa intitulada: Capacitismo no Ambiente Escolar, vinculada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, venho pelo presente, solicitar autorização do Gestor da Escola Municipal \_\_\_\_\_ para realizar pesquisa com o objetivo de realizar um estudo sobre Capacitismo no Ambiente Escolar, com os seguintes objetivos: identificar discursos e atitudes capacitistas rotineiramente vivenciadas na em uma escola pública no município João Pessoa-PB, observar o percurso escolar de uma criança com deficiência e refletir como o capacitismo pode limitar a autonomia de uma pessoa com deficiência e na escola e vida. Este estudo está sob a orientação do(a) Profo.(a) Dra: Adenize Queiroz de Farias

Na certeza de contar com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,

---

NOME DO PESQUISADOR - Orientanda  
UFPB

---

Orientadora de TCC- UFPB

## Apêndice – C



UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO

Prezado/a,

Esta pesquisa discute a respeito do Capacitismo no Ambiente Escolar, está sendo desenvolvida pela formanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Vanessa Castro Alves de Sousa, sob a orientação da Profa. Dra. Adenize Queiroz de Farias

Os objetivos do estudo são:

Identificar discursos e atitudes capacitistas rotineiramente vivenciadas na em uma escola pública no município João Pessoa-PB, observar o percurso escolar de uma criança com deficiência e refletir como o capacitismo pode limitar a autonomia de uma pessoa com deficiência e na escola e vida.

Solicitamos a colaboração para participar da entrevista a qual será realizada através de um questionário, como também autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da deficiência e educação especial, bem como publicar em revistas científicas e trabalho de conclusão de curso.

Esclarecemos que a participação no estudo é voluntária, e, portanto, não é obrigada a fornecer as informações solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento que considerenecessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, eu \_\_\_\_\_, CPF nº \_\_\_\_\_, declaro que fui devidamente esclarecido/a e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura da Participante da Pesquisa

---

Assinatura do Responsável pelo Participante

Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Vanessa Castro Alves de Sousa.

**Endereço:**

**Telefone:**

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

---

Assinatura da Profa. Orientadora